

Da violência escolar à educação como cultura: a experiência do movimento hip-hop.

Adjair Alves ¹ - UPE

Andréa Libério Alves - UFPE ²

O desafio hoje é construir caminhos novos para a mudança de mentalidade da molecada na favela, sobretudo, quanto a papel da escola. ³

Resumo:

Uma pesquisa, no campo das ciências sociais, compreende um problema social e político, não fosse, a investigação científica, um modo específico de inserção e participação dos investigadores sociais na sociedade. Questões sociais são problemas que emergem da realidade material e social, para cuja solução é forçoso pensá-la de forma distinta. No presente trabalho, a reflexão busca analisar as construções sociais da juventude periférica, no interior do Movimento Hip-hop, tendo as representações juvenis sobre a educação como objeto constituinte da análise. Partimos da hipótese

¹ Doutor em Antropologia, professor Adjunto da Universidade de Pernambuco.

² Pedagoga, Mestranda em Educação – UFPE/CAA.

³ Black-out (Clodoaldo) da Consciência Nordestina – banda de rap do Morro Bom Jesus em Caruaru.

de que a educação nesse contexto é compreendida, em seus conflitos e complicitades, a partir da resposta que consegue dar as necessidades desses jovens, quanto ao reconhecimento sociocultural e, inserção social e econômica.

Palavras-chave: educação, cultura, reconhecimento, hip-hop, diversidade.

Abstract:

A research, in the field of social sciences, would be a social and political problem, if it were not for, the scientific investigation, a specific mode of insertion and participation of the social investigators in the society. Social issues are problems that emerge from the social and material reality, to whose solution it is forcible to think distinctively about them. In the present work, the reflection seeks to analyze the social constructions of the peripheral youth, in the interior of the Hip-hop Movement, taking the juvenile representations about education as constituent object of the analysis. We start from the hypothesis that the education in this context is understood, in its conflicts and complicities, from the answer it can give to the necessities of these young people, concerning sociocultural recognition and, social and economic insertion.

Key-words: education, culture, recognition, hip-hop, diversity

1. Recortando o sentido cultural da formação escolar dos jovens.

A análise, aqui proposta, enquanto forma de problematização da realidade social, dirige-se essencialmente às questões de como a educação se constitui demanda social no contexto dos novos movimentos de juventude, em especial nas periferias urbanas, no sentido de se tornar mediadora de conflitos sociais e meio pelo qual os jovens periféricos buscam o reconhecimento social. Estes conflitos situam-se nos meandros das inter-relações culturais e envolve tanto, processos pedagógicos no interior da ação escolar, como o contexto das aspirações sociais cotidianas. Aqui situo as construções simbólicas, sobre a educação, como forjadas no interior do movimento hip-hop, caracterizando-o como expressão das juventudes periféricas.

Partindo da compreensão da escola como uma instituição cultural, entendemos que ela não pode prescindir de seu papel de estabelecer uma ação de integração das diferentes linguagens e performances sociais. Neste sentido, evoco as afirmações de Rosilene Alvim (2003), quando essa pesquisadora discute a associação escola/violência, presente, sobretudo, na mídia escrita. Diz essa pesquisadora: *“Penso que para além do que se tem chamado de violência nas escolas, existe uma questão maior que é a da exclusão social que aparece nas relações que se desenvolvem dentro das escolas públicas.”* Mais adiante, no texto citado, faz a seguinte consideração:

“Grande parte dos professores do ensino fundamental e médio, desta e de outras escolas, aponta para o desinteresse dos alunos no aprendizado dos conteúdos das matérias ensinadas, importantes para os professores desenvolverem novos conteúdos. Talvez aí esteja grande parte do problema e que levam a pequenas ações de indisciplinas, gerando aos poucos situações de violência, agressões como, por exemplo, danificar carros de professores, mas de natureza diferente da infração. Haveria uma forma de perceber o mundo, a realidade, um falar, uma linguagem que não permite um entendimento mútuo”.

Entendo que, em sua escrita, Alvim atinge o ponto nevrálgico da situação; primeiramente, por destacar as discrepâncias entre as visões de mundo que norteiam o universo escolar dos estudantes e professores. Não que isso não possa acontecer, afinal é da alteridade que estamos falando, quando reivindicamos para escola seu status de confluência cultural, o que estamos querendo destacar é; o flagrante desconhecimento por parte dos professores sobre o mundo “simbólico” dos estudantes. O segundo ponto da fala de Alvim, diz respeito à “linguagem dos professores”; esta não tem favorecido a comunicação. Freire (1982) trata dessa condição indispensável à educação que se pretende libertadora; a comunicação. Pensar a educação como prática de liberdade, passa pela ação cultural como prática de liberdade, o que pressupõe a imbricação dessas duas realidades: cultura e linguagem. Os jovens das periferias sentem na pele as discrepâncias dessas realidades, cultura e

linguagem, no interior da escola. Aí está o sentido de sua aversão a uma instituição que pode ser de grande valor para ele. A escola não faz sentido para esses jovens, porque não comunica, sua linguagem é opaca.

Não posso deixar de lembrar que foi quando as referências culturais dos jovens do hip-hop passaram a integrar o contexto comunicativo no interior de minha sala de aula, que minhas aulas tornaram-se importantes para ele, e nos aproximou.

⁴ Como diria o historiador Michel DeCerteau (1995: 106), “A cultura não é apenas absurda quando cessa de ser a linguagem daqueles que a falam; quando volta contra eles a arma de uma discriminação social e a navalha destinada a um desempate; quando a operação cirúrgica diz respeito à produção cultural.” Vários pesquisadores do fenômeno da educação têm sustentado que a relação educação-cultura constitui parte essencial ao processo de se pensar a escola como um projeto de inclusão social. Pensar a escola no contexto dessa relação significa hoje, pensar a diversidade cultural como parte do projeto político-pedagógico da escola, mais que isto, significa pensar a diversidade como realidade nacional.

⁴ Naquele momento o jovem Black-out, membro da Família MBJ, e que freqüentava minha sala de aula no Colégio Estadual de Caruru, passou a se interessar por minha aula, e foi ele que me levara a conhecer as ações culturais do hip-hop no Morro Bom Jesus.

Poderia citar trabalhos importantes de alguns desses pesquisadores assim como algumas de suas obras, que considero importantes de serem lidas, por tratar dessa percepção tão necessária aos educadores. Evidentemente, não é nossa intenção discutir as referidas obras, no âmbito desse texto, senão chamar a atenção para a necessária leitura das mesmas, como parte do trabalho de formação dos professores e compreensão dessa realidade. As mais significativas dessas obras, ao menos para mim, são “Ação Cultural para a Liberdade”; “Extensão ou Comunicação?” e “Pedagogia do Oprimido” todas de Paulo Freire. Nesses, como no resto de seu trabalho, Freire teve o cuidado de destacar a relação com a cultura como condição essencial do diálogo educador-educando. A educação é um processo comunicativo para o qual a inserção no mundo do educando é indispensável para que o educador realize seu intento. Sem esta, a educação não passa de um movimento extencionista.

É preciso estar atento à leitura de Freire, sobretudo para entender que o trabalho da educação constitui-se de um processo para o qual, o ponto de partida é a curiosidade ingênua que brota do capital cultural do educando, sua *doxa*, mas seu fim é a curiosidade epistêmica, que se consubstancia do processo de sistematização da cultura apossado pelo educando, como um procedimento epistêmico-metodológico a ser dominado por ele. É

aí que se concretiza o processo de libertação do educando, que não se dá por saltos, mas como processo de rupturas e continuidade, como ação de sujeito que reflete a realidade. O trabalho do educador, por sua vez, é o de animar, pela comunicação, como mediador, a caminhada necessária ao educando, à construção do saber sistematizado.

Outros trabalhos que considero essencial a essa discussão, são: “O Trabalho de Saber: cultura camponesa e escola rural”; “Casa de Escola” e, por fim “A Educação como Cultura”, todos de autoria do antropólogo/educador Carlos Rodrigues Brandão. Nestes trabalhos; Brandão quer discutindo a educação camponesa, a educação entre as populações ribeirinhas na Amazônia ou, a educação popular nos meios urbanos. Brandão chama a atenção para a necessidade de se tomar a relação com a cultura como essencial para a compreensão do fenômeno da educação.

A escola e a educação não podem ser compreendidas como uma instância separada da realidade social. Ela precisa ser compreendida como uma realidade relacional, objetiva (BOURDIEU, 1996), a partir daquilo que ela representa do ponto de vista teórico e prático para os grupos sociais aos quais pertence e constitui a realidade, Não é diferente nos movimentos sociais, e aqui recorro o movimento das juventudes periféricas

urbanas; o hip-hop. Versos como: “Infelizmente o livro não resolve! O Brasil só me respeita com um revólver!”⁵, embora possa, num olhar aligeirado, chamar a atenção apenas para a questão da violência social urbana, uma leitura mais apurada pode nos levar a perceber o papel da escola, como compreendida pelo jovem da periferia; como o de promover o reconhecimento social. Trata-se de uma realidade para a qual a diferença cultural é acentuada e, para o jovem da periferia, à atividade escolar, corresponde o trabalho de assimilar essa realidade e recebê-la como parte do seu cotidiano. Mas contrariamente a isso, a escola tem punido o garoto e a garota da periferia, ao não atentar para as especificidades culturais dos que estão desse outro lado da cidade.

Por ocasião de minha estada no campo de pesquisa no Morro Bom Jesus, em Caruaru-PE, um jovem entregou-me uma folha de papel onde estava escrito um rap⁶, uma de suas composições, na qual revelava um contexto profuso em representações sobre o seu mundo sociocultural, como ele o percebia, sendo construído na relação com a escola. O texto deixa clara a situação de conflito como decorrente do não

⁵ Fação Central – grupo de rap do Sudeste do País.

⁶ Rap é o elemento musical na cultura de rua. É a abreviatura da expressão americana: “ritmy and poetry”.

reconhecimento do outro como diferente. Mais, ainda, revela o despreparo ou, talvez, o comprometimento ideológico, a assunção de uma escolha, que revela a face excludente da escola.

“Eu era um moleque que só pensava em roubar, cheirar uma goma e um baseado fumar. Pensava que a vida era só brincadeira, até os onze de idade só fazia besteira. Não tomava conselho de caralho nenhum, só queria dinheiro na minha mão, isso era comum. Bebia cerveja, tomava Rum. Tudo que menores não podia fazer, eu fazia numa boa meu irmão, pode crê. Não tinha medo de ninguém, não tinha medo de morrer também. Mas a minha vida sempre foi um vai-e-vem. Depois que vi uns caras mortos, pensei assim: se continuar nessa vida, em breve será o meu fim. Comecei a me regenerar, parei de roubar, queria estudar. As “pedras” do quebra cabeça estavam começando a se encaixar. Fazia de tudo, mas para essa vida eu não queria mais voltar. Porra mano é triste lembrar, a infância perdida nunca mais vai voltar. Mas a escola não adiantou. Por outro lado ela me castigou, me humilhou por causa da minha cor. Isso me revoltou. Muitos playboy entravam parecendo um doutor, “Ela” não falava nada porque era filhinho de “papai” e além deles entrarem, eles curtiam. Eu ficava de fora observando as vadias, elas diziam que eu era ladrão, por causa da minha humilde roupa irmão. Eu nem ligava, viado, puta safada. Fui expulso do Colégio. A professora disse que eu era ladrão, que no colégio eu não tinha futuro, eu não tinha vocação. Mas já passei por isso, tô legal, foda-se o Colégio Estadual. Não sou playboy, nem muito menos mane. Ando do jeito que eu quiser. Se gostar, gostou, não volto atrás no que falo, morou? É foda, por que é que tem que ser assim? Será que essa porra nunca vai ter fim? Aqui não tem final feliz, deixe “queto” “Vei”, não faça o que eu fiz. Porra mano é triste lembrar, a infância perdida nunca mais vai voltar. Porra mano é triste lembrar, a infância perdida nunca mais vai voltar. Na periferia não tem riquinho com carro importado, nem vagabunda do lado. Aqui só tem favelado, revoltado com a playboyzada do Maurício

de Nassau, pode acreditar. Comecei a esculachar o Colégio Estadual, dizendo que lá só tem playboy paga pau. Uma pá de “cuzão” nos humilham. Então playboy vai ter que parar, se não as coisas pro seu lado pode piorar, um tiro de “metranca” você vai levar, vou estourar seus miolos, espalhar pelo chão, de todo jeito você vai pro caixão. Não venha nos criticar, graças a Deus o movimento Hip Hop agora “foi” o meu lar. Vou citar alguns nomes pra vocês acreditar: 1.5.7, V.D.M., P.D.M., OBSESSÃO VERBAL, ALERTA PRO SISTEMA e REALIDADE MORTAL. E estamos com vocês e Deus está aqui para nos ajudar, pode acreditar. Porra mano é triste lembrar, a infância perdida nunca mais vai voltar. Porra mano é triste lembrar, a infância perdida nunca mais vai voltar”.⁷

Pensar a educação é pensar a forma como a sociedade se compreende, e isto significa ter que romper com toda a tradição elitista, lingüística, política e moral, constituída como uma realidade externa a sociedade a qual se refere. Essas realidades precisam ser vistas a partir dos seus condicionantes sociais. Na forma como o aparelho escolar tem tratado a questão da educação, quando se trata das periferias urbanas, corresponde a uma determinada forma de ideologia, um modelo formal, a cama de *Procusto*⁸; uma forma de violência sistêmica contra as

⁷ Infância Perdida (Banda Juventude Sangrenta)

⁸ Procusto era um bandido que vivia na serra de Elêusis. Em sua casa, havia uma cama de ferro, que tinha seu exato tamanho, e para a qual, convidava todos os viajantes para se deitarem. Se os hóspedes fossem demasiados altos, ele amputava o excesso de comprimento para ajustá-los à cama, os que tinham com pequena estatura, eram esticados até atingirem o comprimento suficiente. Como nenhuma vítima se ajustava ao tamanho da cama, ninguém escapava à

juventudes periféricas. Nesta perspectiva, a educação não tem sido pensada como instância libertadora, mas como força reprodutiva das relações de poder e de classes sociais. Assim como *Teseu*, herói grego, que em sua última aventura, prendeu *Procusto* lateralmente em sua própria cama e cortou-lhe a cabeça e os pés, aplicando-lhe o mesmo suplício que infligia aos seus hóspedes, estes jovens estão reagindo a essa forma de educação rejeitando-a com violência; a violência necessária, como diria DeCerteau (Op. Cit).

Assim se explica a forma de linguagem manifestas na cultura desses jovens contra o aparelho escolar; seja pela depredação do patrimônio escolar, seja pelas diferentes formas de violência contra o sistema escolar e até mesmo contra o professor. A educação de um povo deve refletir sua cultura. Os jovens da periferia sabem a trajetória que necessita percorrer; o difícil caminho que os separa de uma vida social bem sucedida. Mas até que ponto a escola está disposta a ajudá-los a superar a distância que os separa?

A escola como uma instituição cultural necessita deixar claro qual o seu compromisso nessa jornada. Eles já desconfiam do discurso da ascensão social via processo escolar,

morte. Continuou seu reinado de terror até ser capturado por Teseu, herói ateniense.

que tem se mostrado uma forma de dominação sociocultural. Aí se explica, talvez, a fala de Mano Brown: ‘minha geração só perdeu tempo na escola’. (NOVAES. Op. Cit. p. 77). Trata-se de saberes que não dizem respeito à realidade social vivenciada por esses jovens. Deste modo, suas chances são reduzidas, ou quase, inexistem. O passo inicial é buscar compreendê-los como “ser de cultura”. E a escola enquanto uma instituição social tem um papel fundamental nesse processo, pela capacidade que tem de aglutinar diferentes concepções culturais em seu interior. Na visão do garoto da periferia, a escola não cria condições para exposição da criatividade do jovem da periferia, pelo contrário, ela o castiga.

“Quanto ao que se aprende na escola, não tem qualquer sentido ou, diria que tem pouco a ver com a periferia. A escola não trabalha nada sobre a vida na periferia. A cultura do jovem da periferia não é valorizada pela escola. Você veja: aqui a gente canta rap. Qual a escola que procura ver entre seus alunos as habilidades deles? Então tem um aluno ali que gosta de rap, então porque não chama esse aluno e pede pra ele fazer um rap. Organiza um evento com aquele aluno. Ele vai se sentir valorizado e vai valorizar a escola. Seus colegas vão começar a mostrar também o talento que possui”⁹.

Não é que a escola vá referendar a *doxa* comum dos jovens, não é que ela faça o “conto do nativo” como assinala

⁹ JC, da Juventude Sangrenta.

Alba Zaluar (1986), para tomar uma expressão do âmbito da Antropologia. O que queremos assinalar é que se faz urgência pensar uma escola que consiga enxergar, no que esses jovens fazem na rua, um significado cultural, mais que isso, significa que a escola, à medida que se aproxima do universo cultural do educando, ela cria as possibilidades de entender e atender suas demandas.

Entendo que esse será um bom tema para a reflexão no interior da escola; como transformar a escola em um lugar para a reflexão da cultura. Segundo GEERTZ (1989: 15), “o homem é compreendido como um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. A cultura compreende, portanto, essa teia e a sua análise.” À escola cabe o trabalho de interpretar as ações sociais como elementos constituintes da cultura e ela deixará de ignorar a movimentação e inquietações dos jovens. Muito pelo contrário, ela passará a compreender as movimentações desses jovens como o movimento do corpo em busca de significação. Como diria DeCerteau (1995) é a geografia do corpo que se nega a não significação.

2. A crítica “violenta” à escola: quando os jovens periféricos falam da escola.

A escola tem se apresentado como uma instituição ambígua no contexto das periferias urbanas. Se por um lado, ela se constitui a maior fonte de esperança às juventudes periféricas, pela possibilidade de inserção social que ela faculta aos jovens, embora eles tenham desconfiança dessa possibilidade,¹⁰ por outro, ela é concebida como “perda de tempo”, sendo o alvo de grande parte das críticas dirigidas às instituições sociais por parte dos jovens do movimento hip-hop, sobretudo, por não atender suas expectativas, seja de ajudar-lhes a construir uma leitura crítica da realidade social, seja de preparar-lhes para o mercado de trabalho.

Nesse contexto, pensar a educação como, estritamente vinculada ao mundo do trabalho, faz parte do projeto social, como incorporado pelos jovens da periferia. Não estamos dizendo que a escola não possa ser o lugar de formação profissional, mas, parece que essa tem sido a única forma como a sociedade tem concebido o papel da escola, no que concerne à formação dos jovens das classes populares. Portanto, não será estranho, que eles

¹⁰ Os jovens do hip-hop, com quem tenho realizado meus estudos e pesquisas, têm deixado clara sua posição sobre a possibilidade de ascensão social no contexto social em que se encontram inseridos. Pesa sobre eles, além da desvantagem escolar, os estigmas de residirem em bairros profícuos em criminalidade, eliminando suas possibilidades sociais.

pensem como tal. Nesse contexto são compreensíveis as palavras de JC, ao afirmar:

“Um jovem da periferia, jamais pode sonhar em ser um doutor, um juiz, um médico, porque para isso ele terá que ter uma educação de qualidade, mas a educação do jovem da periferia, parece só servir para ele apanhar lixo. Pois agora até pra isto vc tem que ter o segundo grau. Ninguém vai sair por aí apanhando lixo por ser filósofo ou ter estudado inglês. Daí eu dizer que oportunidade para a periferia, é muito pouca”.

Embora estejamos falando, do ponto de vista epistemológico, de um lugar específico; o movimento social juvenil em Caruaru-PE, essa desconfiança na escola, no que respeita a capacitação dos jovens, seja para compreender a realidade, formação científica, seja a formação para o trabalho tem se tornado quase homogênia no que concerne a escola das classes populares. Essa afirmação apóia-se na forma como os jovens têm expressado sua compreensão sobre o papel da escola e, nas exigências daquilo que a sociedade compreende como posição social a ser ocupada pelos jovens das classes populares relativo ao mercado de trabalho. Neste sentido, os jovens também reclamam do tipo ideal de formação profissional que a sociedade tem reservado para eles.

A crítica à escola não tem a ver com a sua importância; o jovem sabe o quanto ela é significativa. Mas o que a caracteriza, para esses jovens é o quanto a escola precisa mudar; é a distância que mantém no que diz respeito à atenção às reais demandas da juventude. Os jovens da periferia estão dizendo que a escola não tem deixado clara a sua função social. E, neste sentido, ela tem estabelecido tratamento desigual e discriminatório contra a juventude periférica. E, quase sempre, os professores são os principais alvos dessa crítica, que tem a ver, também, com a forma como o currículo da escola é pensado pelos professores e gestores. Com seu modelo excludente, inclusive no que toca à linguagem, a escola tem servido muito mais para aumentar a desigualdade social e a violência contra os jovens da periferia. E, neste sentido, ela se torna excludente, como deixa claro o fragmento da composição citada anteriormente e recortada abaixo:

“[...] queria estudar! As “pedras” do quebra cabeça estavam começando a se encaixar. [...] Mas escola não adiantou! Mais que isso; ela me castigou e me humilhou... Isso me revoltou. Fui expulso do Colégio. A professora disse que eu era ladrão, que no colégio eu não tinha futuro; eu não tinha vocação. [...] tô legal,

foda-se o Colégio Estadual... Será que essa porra nunca vai ter fim? [...]”¹¹

Como afirma o professor Sérgio Guimarães (Apud, GADOTTE, 1995:29): “é possível um ato pedagógico na luta entre antagonônicos, pois as pessoas podem vir a aprender mais e ensinar também, e modificarem sua visão de mundo na luta entre os contrários.”¹² Sublinho, aqui, o termo “antagônico”, como assinalado por Guimarães, porque entendo que o antagonismo reflete a existência da diferença, aqui tratada como uma questão econômica, mas muito mais como uma diferença cultural. O processo escolar compreendido como instância cultural não pode prescindir do conflito como essência, sob o risco de estabelecermos um processo de dominação cultural, todavia a diferença, não precisa ser necessariamente fonte de antagonismos. Eis o sentido do destaque que atribuo ao termo na citação de Guimarães.

A escola não pode submeter o estudante a um processo de homogeneização cultural, estigmatizando-o e levando-o ao silêncio. Não pode e não deve partir da premissa de que trabalha com semelhanças, mas dessemelhantes e, portanto

¹¹ “Infância perdida” composição da banda “Juventude Sangrenta” do Morro Bom Jesus. Há nesse rap a referência ao Colégio Estadual de Caruaru, local onde aquele fato contado pelo rap aconteceu.

¹² Moacir GADOTTI. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo: 1995. p. 29.

deve ter um olhar relativizador como estratégia para impedir a constituição de desigualdades sociais. Que os jovens da periferia se sintam estranhos no atual modelo de escola, é fato. É como se sentissem o tempo todo convidados a se retirarem dela, e ao se explica a composição do JC, acima recortado.

A formação dos estudantes, segundo assinala DeCerteau (Id. p. 105), “não pode ser recortada segundo as normas que regeram a formação dos professores, sobre o nome de cultura.” Isso representaria um ultraje à formação da consciência, dado que visam apenas à formação de semelhantes sem considerar a heterogeneidade cultural dos estudantes que são submetidos a um processo de violência institucional; uma disciplina com regras de controle, alheias aos estudantes. Essa nos parece uma questão ainda não resolvida e que constitui um desafio a uma instituição que se coloca como instrumento de mudança no processo de produção cultural, numa realidade tão conflituosa como a favela.

Considero as dimensões, educativa e pedagógica ¹³, assinaladas pelo hip-hop na periferia, como elementos essenciais que devem nortear ações institucionais nesse contexto social juvenil. Porque estas dimensões assinalam para a ação

¹³ Situo aqui o educativo como instância cultural, enquanto o pedagógico como princípio político-metodológico.

transformadora que aqueles atores sociais empreendem em seu mundo. O hip-hop, naquele contexto traduz o trabalho de educar os jovens à vida sociocultural e política, porque possibilita compreender certas atitudes que, em outros contextos, são incompreendidas ou compreendidas de outra forma. Diferentemente do contexto de massificação cultural escolar pelo qual a sociedade é levada a reproduzir padrões de comportamento, valores e estilos de vida da classe social dominante e, a ela, estranhos, como expressão silenciosa de quem é violentada, negada e mortificada; no contexto da periferia, o movimento hip-hop inverte essa premissa.

Deste modo, o hip-hop faz com que brote a consciência, fundada no resgate da tradição, nas raízes culturais identificadas com luta pelo reconhecimento da diferença cultural histórica, a questão da raça, desenvolvida pelos heróis da resistência negra dos quilombos, mas também a questão econômica, desenvolvida pela luta dos trabalhadores/as. Assim se desenvolve o “orgulho”, no sentido positivo, em se mostrar como de fato compreendem sua identidade: como negros, como “favelados”, como moradores de localidades periféricas. É comum encontrarmos em suas composições “rap” alusões orgulhosas à identidade local, como elementos distintivos do grupo. Os Hoppers não se sentem envergonhados de se

mostrarem como ‘pretos’¹⁴ e da periferia. Essa forma de ser e compreender a vida, eles a querem como traço distintivo na formação escolar; porque entendem que a herança histórica da raça, como trafegada no recinto da escola é depreciativa, em seu conteúdo, da identidade negra.

Esses jovens não estão interessados nos modelos externos à favela, enquanto representações culturais reconhecidas como normalidade pela escola. Ao contrário, fazem crítica àqueles modelos, reconhecendo-os como depreciativos de suas referências culturais e causa da destruição da favela. Reconhecem, por exemplo, que a propaganda comercial veiculada pela mídia não retrata a realidade quando investe em modelos artísticos para vender seus produtos, pois os usuários de tais produtos (bebidas, cigarros, roupas etc.), sobretudo quando da periferia, acabam destruídos, física e moralmente. Deste modo, o discurso violento contra a escola presente no rap, tem uma função pedagógica (sentido político) e educativa (sentido cultural), visto que objetiva atrair a atenção da escola aos valores culturais da periferia, bem como atuar como instrumento de poder contra as investidas do sistema social segregador. Como analisa

¹⁴ Termo bastante utilizado, para fazer referência a pele escura, mas também, a luta pela sobrevivência. Eu mesmo enquanto convivi com eles, no campo, fui batizado pela alcunha de ‘preto-mil’.

DeCerteau (Op. Cit. p. 33), quando trata das referências fundamentais que organizam a consciência coletiva e a vida pessoal,

“O elemento da violência muitas vezes presentes nas situações de conflitos tem um significado de reivindicação essencial de algo que referencia a própria existência a qual não se pode renunciar, isto é diferente de fazer da violência uma lei – posição contraditória que esqueceria por que se luta”.

É essa agressividade que dá aos hoppers a condição de sujeitos na favela e, conseqüentemente, de agentes políticos na luta pela transformação da periferia. Atribuindo significado ao seu mundo e a seus atos, estes jovens constroem a cultura, visto ser ela a forma de interpretação de seu mundo e, ao mesmo tempo, transformam-na em um instrumento de intervenção social, mediante o qual se educam na relação com a realidade e com os outros. É esta a questão que marca sua crítica à escola; a atitude desta instituição frente às questões culturais na favela. Seu discurso anti-escola, não é um discurso que objetiva o não reconhecimento da importância da escola, mas, antes, quer assinalar uma crítica à forma como esta se desenvolve no contexto da favela; reverberando uma cultura descontextualizada, porque não retrata nem inclui a realidade da periferia.

3. A educação e a cultura no hip-hop: a experiência da MBJ em Caruaru.

O ser humano tem necessidade de construir significados sobre sua realidade social (GEERTZ, 1989) e esta necessidade volta-se ao desejo de superação dos conflitos sociais. Isso não é diferente no que toca ao jovem da periferia, aos hoppers, porque eles entendem que, à medida que o preconceito social contra eles torna-se a marca das relações sociais, tem lugar as diferentes formas de violência social e urbana e seu sofrimento não terá fim. Aí está o fundamento da violência porque passam esses jovens que estão, todo tempo, sendo forçados a calarem-se diante das injustiças sofridas. E não apenas porque devam alguma coisa, mas em virtude do estigma que paira sobre eles, por serem pobres, “pretos”,¹⁵ e da periferia. É a cultura ditando a vida.

A ação escolar não se traduz em expressões simbólicas desses jovens como uma forma de cultura, ao contrário, os discrimina, conduzindo-os a uma reação agressiva; com linguagens violentas, como assinala DeCerteau (Op. Cit. p. 32, 4): *“a geografia dos sentidos, por não se ver representada nas instituições ligadas ao sistema, recusa a não-significação”*.

¹⁵ Os jovens do Morro Bom Jesus, preferem o uso de “preto” ao “negro”, quando se referem a questão da raça.

Essa recusa, segundo este mesmo pesquisador, “*toma normalmente forma de violência.*” Para DeCerteau (Id):

“O desígnio de um grupo, sua luta para existir, traduz-se por uma constelação de referências, muitas vezes ocultas, não reconhecidas exteriormente. Uma espécie de acordos tácitos. São espécies de crenças que permitem uma elaboração comum. Uma linguagem, uma vez falada – a condição de ser suportável –, implica pontos de referência, fontes, uma história, uma iconografia, em suma, uma articulação de autoridades. O gesto que desmistifica poderes e ideologias cria heróis, profetas e mitos. Não há uma manifestação sócio-cultural que não esteja fundamentada em signos críveis, referências que permitem seu comércio, não necessariamente exteriorizados”.

A expressão cultural enquanto configura uma ação violenta assinala uma irrupção do grupo contra a determinação do sistema social que procura, autoritariamente, manter uma visão ideológica homogênea da vida social. Para utilizar aqui a compreensão desenvolvida por DeCerteau (1995: 94, 6), trata-se de uma “*violência necessária*”, que “*autentica o querer existir de uma minoria que procura se constituir em um universo onde ela é excedente porque ainda não se impôs.*”. São atos que têm como característica ser uma maneira de tratar a linguagem. E ainda, “*é um estilo, uma maneira de falar. É a festa efêmera. Surge como o absurdo. Desencadeia o furor. Faz aflorar a cólera naqueles que se alojam num sistema de produção*”. Essa é uma violência

indispensável porque quer manter a vida e a realidade articuladas. Ela reside em “*um discurso de protesto, ainda que seja o inverso e a ruptura do discurso universal da mediação*”.

A resistência cultural vai assim se estabelecendo na medida em que a concepção de mundo nascida do seu contexto de luta toma corpo e vai se estruturando como pensar comum, como bom senso. Ela é, portanto, antes um fato filosófico, cultural e moral que político. A implantação de uma nova resistência política na sociedade gera, também, um processo gnosiológico, cria um novo terreno ideológico, determina uma reforma das consciências e dos métodos de conhecimento, é um fato de conhecimento, um fato filosófico.

O conhecimento aparece no hip-hop, como constituído no diálogo que os hoppers mantêm com o cotidiano; é, portanto, uma instância viva e extremamente dinâmica, como a realidade. “MC’s, DJ’s, graffers e b. boys”¹⁶, do Morro Bom Jesus, ao atribuírem sentidos ao cotidiano da periferia, orientam seus pares, na construção de uma nova realidade social, rompendo com a tendência à massificação e homogeneização cultural, constituindo-se em instrumento de contra-hegemonia na

¹⁶ Estes são os quatros elementos constitutivos do movimento hip-hop. A cultura desses garotos foi muitas vezes levada para sala de aula na escola onde desenvolvia minhas atividades.

favela. Assim eles alimentam o sonho de transformar a realidade escolar na favela. Eles buscam, dessa forma, como ponto inicial, o desenvolvimento da auto-estima do jovem da “periferia”, porque entendem que o sonho não acabou.

Mas não tem sido fácil para os jovens das periferias e do hip-hop, em particular convencer a instituição escolar desse diálogo necessário entre a escola e a cultura. Mais que isso, não tem sido fácil convencer o atual modelo de escola a entender o necessário diálogo com a cultura, compreendido aqui em seu sentido antropológico, simbólico. A escola precisa fazer sua parte, com assinala JC da Juventude Sangrenta, no depoimento recortado de meu diário de campo. Fazer sua parte significa voltar-se para as especificidades locais. Isto quer dizer que, o professor e a escola não podem recortar o sentido de seu trabalho por uma concepção homogênea de cultura, mas por seu sentido polissêmico, compreendendo assim as especificidades locais, onde a escola encontra-se situada, como assinala JC:

“Quanto ao que se aprende na escola, não tem qualquer, ou diria que pouco tem a ver com a periferia. A escola não trabalha nada sobre a vida na periferia. A cultura do jovem da periferia não é valorizada pela escola. Você veja: aqui a gente canta rap. Qual a escola que procura ver entre seus alunos as habilidades deles? Então tem um aluno ali que gosta de rap, então porque não chama esse aluno e pedir pra ele fazer um rap. Organiza um evento com aquele aluno. Ele vai se sentir valorizado e vai

valorizar a escola. Seus colegas vão começar a mostrar também o talento que possui. Mas a escola não faz isso, pelo contrário, ela é muito rigorosa com o aluno e homogeneizadora em sua prática. A rigorosidade de que eu estou falando não é só quanto à disciplina, que também é sério, porque o jovem da periferia não tem o costume de ficarem horas sentados escrevendo ou ouvindo a professora, mas falo da disciplina em termos de exigências sobre coisas que o aluno da periferia não tem como responder. Isso frustra o aluno e o afasta da escola. Na escola pública! Aula de física, todo colégio tem. Pode andar por aí pelas escolas, o que é a educação física das escolas? Futebol. As crianças da periferia adoram pular corda, rodar pião, andar de skate, mas qual a escola que valoriza isto? Nem todas as crianças gostam de futebol, mas só tem futebol. Vamos fazer um piso, isso, na escola, pros garotos dançar o break, vamos fazer uma aula no recreio. Então a escola está contribuindo para despertar a criatividade e os talentos dos alunos e, mais que isto está valorizando as culturas da periferia, ajudando a combater a discriminação social e cultural. Quer dizer, a escola seria mais valorizada pelos alunos, os professores seriam mais respeitados e isto porque as crianças estavam sendo igualmente valorizadas. Eu cito como exemplo a relação que a escola Dom Soares Costa, aqui do Morro Bom Jesus, tinha com o hip-hop. Agora não, a gente até deixou de ir por lá porque eles achavam que agente estava interferindo demais. Mas antes os professores eram beleza. As crianças se sentiam bem, porque tinha uma valorização da cultura da periferia. A gente chegava lá e era bem recebido. Veja quantas crianças freqüentava a escola? Era carga! Qual o moleque que não gosta de uma escola que esteja em parceria com a comunidade e com o movimento? A escola vai agradecer e as crianças mais ainda, mas é preciso pra que isto ocorra que não haja preconceito da parte da escola. Ou seja, os professores precisam entender qual a necessidade da criança. O que precisa são os professores conversarem mais, e não apenas se preocuparem com as matérias que ele ensinam, se não entenderem isto, a escola vai de mal a pior”.

Ser reconhecido como jovens de direito, ter acesso a uma educação escolar de qualidade, que lhes garanta a inserção no mundo do trabalho, ser reconhecido como possuidores de cultura distinta, ainda constituem desafios à escola dos jovens do Morro Bom Jesus. Uma maioria reconhecidamente descendente de afro-brasileiros, fora do processo da produção social e da escola, lutam por maiores espaços para construção da vida e, nesse contexto a formação escolar é imprescindível porque aumentam suas chances no mercado de trabalho. Alguns conseguem recursos e vão disputar uma fatia no mercado informal, como destaco abaixo, em recorte extraído do meu diário de campo.

“Hoje estive no Morro, logo cedo, pois precisava encontrar alguns jovens que trabalham a semana inteira na “feira da sulanca”¹⁷ e só dispunha do domingo para falar comigo. Um deles trabalha para uma confecção que usa mão de obra terceirizada para desenvolver alguns trabalhos de acabamentos. Esse jovem, por exemplo, dizia para mim que, se dispusesse de recurso, investiria no ramo da confecção, mas pelo fato de não dispor desses recursos tem que trabalhar duro, até o domingo, às vezes para poder manter a família. Pedi-lhe que, após a conversa, acompanhasse-me até a casa de outro jovem, “Black-out”, pois queria pegar algumas informações. Chegando à casa de Black-out, esse jovem nos mandou entrar e dirigiu-se ao seu quarto de

¹⁷ Uma feira de roupas populares no centro de Caruaru/PE. O nome vem da junção de duas palavras “sul+helanca”; a região (Sudeste) de onde provinham os produtos (helancas) vendidos na feira.

onde trouxe uma caixa enorme cheia de camisetas e bermudas com logotipos de bandas de rap do Sudeste do país e de grandes times de basquetebol norte-americano, outra caixa cheia de CDs e DVDs de bandas de rap famosas. Tão logo sentamos, ele foi mostrando o material e nos oferecendo à venda. Perguntei como ele teria adquirido aquela mercadoria. Ao que ele respondeu-me que teria estabelecido contatos com produtoras de rappers do Sudeste e do Distrito Federal, de onde se originavam todas as mercadorias. Black-out (codinome) fora ao Sudeste do país em uma viagem que teria feito com os membros da sua banda de rap do Morro Bom Jesus, DJ Nino e MC Suspeito (outros codinomes). Posteriormente, fora à Brasília (DF) para produzir o primeiro cd da banda “Consciência Nordestina”, com MAROLA (produtor de rap do Distrito Federal) e, nessa viagem, agendou com grifes do hip-hop, e algumas bandas do DF, o envio dessas mercadorias. Foram esses contatos diretos que lhe permitiram estabelecer um vínculo comercial. Ele me dissera que seu sonho é abrir uma loja para negociar produtos diretamente do Sudeste. Nesse mesmo dia em que conversava com Black-out sobre o investimento que estava iniciando, percebi quando ele passara algumas dicas para seus pares, ali presentes. Dizia ele para o jovem “ED” (Banda Calibre da Morte, do Morro Bom Jesus): “*aê doido! Tu podias fazer umas paradas dessas!*” Ele se referia a uma camisa estampada com o nome de uma banda do Sudeste do país “Facção Central”. O que ele estava sugerindo a ED, que trabalha com estampanaria, era fazer umas camisetas com o logotipo de sua banda e de outras do Morro para vender. Ed logo afirmava positivo para Black-out. Ed teria me dito nesse dia que seu patrão estava interessado em produzir o cd de sua banda de rap. Então, concluí que esses jovens estão começando a dar-se conta de um mercado por onde poderão afirmar-se economicamente. (Diário de Campo, 15/07/2007)”

Mesmo estes jovens que conseguem se organizar para manter a sobrevivência, não negam a importância da educação

escolar como alternativa para a inclusão social. E aí a defesa de uma educação profissional, técnica, aparece muitas vezes como alternativa a esse jovem que precisa do emprego para sobreviver.

Conclusão

O comportamento cultural, segundo GEERTZ (1989: 21), é uma ação simbólica, não cabendo à discussão sobre sua subjetividade ou objetividade, pois a questão não é se a cultura é uma conduta padronizada ou se é um estado da mente, ou se as duas coisas juntas. *“Não é seu status ontológico que está em discussão, mas sua importância, qual o significado de sua ocorrência, seja ela um ridículo, um desafio, uma ironia, uma zanga, um deboche ou um orgulho.”* Para aquele pesquisador, *“a cultura não pode ser vista como uma realidade ‘superorgânica’ autocontida, com força e propósito em si mesma.”* Ela não pode ser reificada. Ela também não consiste em um padrão bruto de acontecimentos comportamentais, que venha ocorrer em uma ou outra comunidade identificável. Isso seria reduzi-la. *“A cultura está localizada na mente e no coração dos homens”*. É o que o indivíduo traz na sua consciência, o que lhe toca a sensibilidade, que faz sentido ser compreendido no estudo da cultura.

Atribuindo significado ao seu mundo e a seus atos, os seres humanos constroem a cultura, visto ser ela a forma de interpretação de seu mundo e, ao mesmo tempo, transformam-na em um instrumento de intervenção social, mediante o qual os indivíduos se educam na relação com a realidade e com os outros. O ser humano tem necessidade de construir significados sobre sua realidade social e esta necessidade volta-se ao desejo de superação dos conflitos sociais. Isso não é diferente no que toca ao jovem da periferia, aos hoppers, porque ele entende que, à medida que o preconceito social contra ele for a marca das relações sociais, seu sofrimento não terá fim. Aí está o fundamento da violência porque passam esses jovens que estão, o tempo todo, sendo forçados a calarem-se diante da uniformização cultural como proposta pela ação escolar.

O jovem periférico, pois essa é a forma como eles se denominam, e aqui me refiro mais especialmente ao contexto do Morro Bom Jesus em Caruaru/PE compreendem a importância da cultura como instrumento de mobilização e luta social, por isso apostam aí com todas as suas forças e assim estão mudando a cara da periferia. No Morro Bom Jesus, eles têm avançado essa luta nas diferentes frentes, seja como movimento social, seja como movimento cultural; e aqui me refiro, mais especificamente, ao capital escolar, porque entendem que o

domínio desse importante capital cultural (BOURDIEU, 1999), fixa a possibilidade de uma mudança social no contexto da periferia. Aí reside o sentido de eles estarem, o tempo todo, estimulando os mais jovens a voltarem à escola.

Mas, como temos afirmado, a escola precisa reconhecer o que esses jovens têm produzido, no contexto das periferias urbanas, como cultura. Essa dificuldade se dá, muitas vezes, pelas condições em que essas produções são forjadas e por retratarem aspectos da vida que a sociedade não deseja revelar. Jovens negros falando de discriminação social, de crime e violência como efeitos colaterais do sistema social. Esses jovens não têm contado com o auxílio de uma escola que se espelha em um outro modelo de inteligibilidade do mundo. Assim eles são obrigados a percorrerem caminhos, mais sinuosos, para construírem visibilidade e poderem ser reconhecidos socialmente.

O passo inicial é buscar compreendê-los como sujeitos de cultura. E a escola, pela sua capacidade de mobilização cultural, pode fazer a diferença, enquanto instituição social. É urgente pensar uma escola que consiga enxergar, no que esses jovens produzem; um significado cultural. Entendo que esse será um bom começo, uma escola que os compreenda, que os ensine, mas que também aprenda com eles. Repito que foi quando minhas referências “culturais e lingüísticas” se aproximaram do

universo desses jovens, que minhas aulas tornaram-se importantes para os mesmos, e foi possível um melhor aproveitamento do trabalho de sala de aula.

Neste sentido, atentar para o elemento sociocultural é fundamental para a escola, como forma de compreender o que se passa em contextos como estes e poder ajudar esse jovem na superação de suas dificuldades. Aqui situo, mais uma vez as reflexões de Freire (1982a: 30), quando se refere ao “jogo injusto” do processo de avaliação, aprovação e reprovação que a escola faz. Para esse pensador da educação, o garoto e garota desses estratos sociais entram na escola em desvantagem, porque a semântica, a sintaxe e a prosódia da escola não coincidem com a sua semântica, sintaxe e prosódia. Uma questão cultural, que precisa ser pensada pela escola.

O significado da luta que cada um desses garotos e garotas empreende na sua comunidade é desenvolvido a partir da singularidade com que cada um enxerga o cotidiano. Os hoppers têm se colocado nessa fronteira como protagonistas de uma ação cultural engajada na luta pela conquista de espaço onde as minorias econômicas e culturalmente situadas, as periferias e favelas deste país, possam criar alternativa à vida. A luta desses jovens caminha na direção de transformar a educação escolar, que

precisa se colocar aí como possibilidade de realização social para esses jovens; essa percepção de preencher as lacunas resultantes do esvaziamento da cultura oficial.

Referências

ALVIM, Rosilene. Escola pública: escola de pobres. Escola pobre? In. **CAOS: Revista eletrônica de ciências sociais**. ISSN 1517-6916. João Pessoa: CCHLA / UFPB - Número 5 – Agosto, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Org. de Sérgio Miceli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

DeCERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. trad. De Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1995. (col. Travessia do Século).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17, edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Sobre educação: diálogos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982a.

_____. **Extensão ou comunicação?** Trad. de Rosica Darcy de Oliveira. 8.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

Diálogos N. 6 – Adjair Alves e Andréa L. Alves – Da Violência escolar...

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 4. ed., São Paulo: Cortez, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

NOVAES, Regina Reys. **Ouvir para crer: os Racionais e a fé na palavra**. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, 1999. Vol. 20 (1p. 69).

ZALUAR, Alba. “Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas.” In. CARDOSO, Ruth. **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.